

FRATELLI TUTTI OU TRATADO DA CONVIVÊNCIA SOCIAL: UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL*

Thiago Avellar Aquino**

Resumo: a busca por uma sociedade fraterna fundamentada no amor e na abertura para o próximo é o tema da encíclica do Papa Francisco, Fratelli Tutti. Assim, aponta para uma cultura do encontro, para alcançar a paz mundial. Da mesma maneira, encontramos o pensador vienense Viktor Frankl, que foi um sobrevivente dos campos de concentração durante a II Guerra Mundial, e propôs uma visão de unidade da humanidade, respeitando a diversidade cultural. Seguindo os passos desses dois pensadores, o presente ensaio articulou as ideias de Frankl e Papa Francisco com o intuito de promover um diálogo profícuo, a fim de encontrar pontos convergentes para a convivência social do mundo atual. Em conclusão, verificou-se uma complementaridade e harmonia de ideias e ações que promovem uma fraternidade universal.

Palavras-chave: Cultura do encontro. Sentido da vida. Fraternidade universal.

*Amar significa ver a outra pessoa assim
como Deus a pensou.
(Fiódor Dostoiévski)*

O objetivo do presente artigo foi realizar uma análise da encíclica do Papa Francisco acerca da fraternidade e amizade social à luz do pensamento de Viktor Frankl. Para tanto, utilizou-se a Logoterapia e Análise Existencial como marco teórico

* Recebido em: 29.06.2021. Aprovado em: 28.10.2021.

** Doutor e Mestre em Psicologia (UFPB). Professor do departamento de Ciências das Religiões e da Pós-Graduação em Ciências das Religiões (UFPB). Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Logoterapia e Análise Existencial (LAPLE, CNPq). E-mail: logosvitae@hotmail.com

para clarificar a estrutura textual da Encíclica *Fratelli Tutti*. De forma geral, a encíclica em questão analisa a situação do mundo atual e propõe uma comunidade mundial baseada no bem comum. Dessa forma, aponta novas alternativas para uma cultura de paz e propõe diretrizes de ações. Em suas palavras, Francisco (2002, p. 29) desejou “[...] dar voz a diversos caminhos de esperança”.

Com o intuito de apreender o sentido desse documento, a pergunta norteadora do artigo foi: quais os pontos de convergência entre a Encíclica *Fratelli Tutti* e o pensamento de Viktor Frankl? Considerou-se relevante a presente pesquisa, posto que se trata de um documento norteador para as relações humanas, pautado na fraternidade e amizade social entre culturas e nações; e, de forma específica, com enfoque no migrante. Destarte, compreende-se que tal perspectiva transcende o seu caráter eminentemente religioso, adentrando uma via humanística, a qual constitui o seu ponto fulcral.

A Carta Encíclica em estudo foi inspirada em uma citação de São Francisco de Assis: *Fratelli Tutti*, ou seja, todos irmãos, bem como motivada por figuras históricas que trabalharam para a paz e a favor da promoção humana, como Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Gandhi e Charles de Foucauld. Dessa forma, em última análise, o documento se constitui como uma pedra fundamental para a base da fraternidade humana e amizade social nos tempos atuais. O ideal de uma fraternidade universal não é recente; diversos pensadores, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, defenderam uma postura que considera a perspectiva do outro – acolher o contraditório – e apregoaram uma unidade humana, conforme expressou Jaspers (2018, p. 10), “nós somos um conjunto; precisamos sentir nossa causa comum quando dialogamos”.

No contexto pandêmico da Covid-19, constatou Francisco (2020, p. 21):

A tribulação, a incerteza, o medo e consciência dos limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência.

Ainda nessa direção, rogou por uma unidade da humanidade para o mundo pós-pandemia: “no fim, oxalá, já não existam ‘os outros’, mas apenas um nós” (FRANCISCO, 2020, p. 21). Considerando as solicitações de uma nova sociedade pautada em uma cultura de paz e em um mundo mais humano e inclusivo, torna-se necessário fazer algumas pontuações acerca de uma unidade humana, apesar das diversidades culturais que possam conduzir a uma convivência social salvífica. Por meio da nuvem de palavras (Figura 1) extraída a partir do texto da Encíclica papal, constata-se que a palavra mais frequente é “pessoa”, que se repete 153 vezes, seguida por humano (142 vezes) e dever (114 vezes).

da religião. Conforme adverte Frankl (2015), a religião deve ser considerada um objeto, não um posicionamento da logoterapia. Ademais, os objetivos da psicoterapia e da religião são distintos: enquanto a primeira se ocupa da cura da alma, a segunda se fixa na salvação da alma. Embora não se confundam, a logoterapia se inclina para o homem religioso apenas na medida em que a palavra Logos quer significar tanto sentido quanto espírito. Entretanto, adverte: “Por espírito entendemos a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, e, em contraposição ao reducionismo, a logoterapia se recusa a reduzi-los a fenômenos sub-humanos ou a deduzi-los destes” (FRANKL, 2015, p. 87).

Dessa forma, por um lado a Logoterapia não reduz a vontade do sentido último da vida, muito menos considera o fenômeno religioso como um subproduto ou epifenômeno; por outro, não força o ser humano a entrar pela porta da religião ou a aderir a uma cosmovisão religiosa.

No entanto, indubitavelmente o sentido último da vida é uma preocupação humana. Frankl (1992, p. 90) aventou que “[...] quanto mais amplo for o sentido, menos compreensível ele se torna”. Nesse sentido, seria impossível captá-lo por meio da razão, mas poderia ser intuído por via da fé. A religião, por sua vez, seria análoga à diversidade idiomática – apesar da sua multiplicidade, possuem um alfabeto em comum. Nesse caminho, trouxe que:

Ninguém pode dizer que a sua língua seja superior às outras; em cada língua o ser humano pode chegar à verdade – à mesma verdade uma, e em cada língua ele pode errar e até mentir. Assim, também por meio de qualquer religião ele pode encontrar Deus, o Deus uno (FRANKL, 1992, p. 63).

Em sua própria vivência, Frankl teve uma postura de abertura para o diálogo inter-religioso. Embora fosse judeu, Viktor Frankl participou de uma audiência com o Papa Paulo VI, juntamente com a sua esposa Eleonore Katarine, que era católica. Sobre esse encontro, relata em seu livro de memórias: “o papa reconheceu a importância da Logoterapia não só para a Igreja católica, mas para toda a humanidade” (FRANKL, 2010, p. 149), no final do encontro, segundo relatou, o Papa teria dito a Frankl: “por favor, reze por mim”. Tendo em conta esse espírito de fraternidade, o próximo tópico aborda a perspectiva da unidade da humanidade, posto que foi uma preocupação de ambas as personalidades.

UNIDADE DA HUMANIDADE

Viktor Frankl foi um prisioneiro e sobrevivente dos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Em suas reflexões em um mundo permeado de conflitos bélicos, chegou à conclusão de que:

[...] o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! (FRANKL, 2008, p. 55).

Em seu clássico livro *Em busca de sentido*, já vislumbrava que, para uma convivência no pós-guerra, seria necessária uma mudança de postura em relação à convivência social. Por esse motivo, compreendia que aquele que foi injustiçado não teria o direito de imprimir injustiça (FRANKL, 2008), alertando, dessa forma, que a vingança não seria uma escolha adequada para a construção de um mundo mais belo.

Para o referido autor, o ser humano é um ser ontologicamente aberto para o mundo, ou seja, aberto para a comunidade humana, isto é, o ser humano é um ser auto-transcendente. Conforme define:

Autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou alguém, isto é, a um objetivo por ser alcançado ou uma existência de uma outra pessoa que ele encontre (FRANKL, 1991, p. 18).

Tal definição se aproxima da visão acerca da “gratuidade” descrita pela encíclica *Fratelli Tutti* como: a capacidade de fazer alguma coisa simplesmente porque são boas em si mesmas, sem preocupação com ganhos ou recompensas pessoais” (FRANCISCO, 2020, p. 70), o que demonstra uma postura de abertura para todos. Ademais, o pensador vienense compreende uma relação dialética entre indivíduo e comunidade. Por conseguinte, “[...] apenas a comunidade garante o sentido de individualidade dos indivíduos, mas também que apenas a individualidade consciente garante aos indivíduos um sentido de comunidade¹” (FRANKL, 2018, p. 183).

Para o autor em baila, o ser humano seria imperfeito e, por esse motivo, complementar-se-ia na comunidade humana – portanto, tornar-se-ia um ente irrepitível e insubstituível. Como um ser referido à comunidade, assemelha-se a um mosaico, que é constituído por pequenas pedras singulares e imperfeitas, dessa forma, o sentido de cada fragmento se realiza em sua totalidade (FRANKL, 1989a). De forma similar, intuiu Francisco (2020, p. 90): “Cada um é plenamente pessoa quando pertence a um povo e, vice-versa, não há um verdadeiro povo sem referência ao rosto da pessoa”.

A despeito disso, a encíclica de Francisco exorta uma cultura do encontro, e, assim como Frankl se utiliza do mosaico como uma metáfora da comunidade, o texto *Fratelli Tutti* apresenta como símbolo o poliedro: “[...] tem muitas faces,

muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes [...]” (FRANCISCO, 2020, p. 106). Nesses termos, o sentido social da existência nem se constitui no vácuo, nem apenas no indivíduo de forma isolada, mas o encontra na relação do ser humano com o mundo, em sua morada comum.

Por esse motivo, Frankl (1989a) compreendeu o ser humano como um ente consciente e responsável. Esse último aspecto deriva sobretudo da cultura judaica, conforme se encontra no livro *Rumo a uma vida significativa*, de Schneerson (2007, p. 192):

[...] Deus nos criou por uma razão – para perseguir ativamente uma vida virtuosa e aperfeiçoar esse mundo imperfeito. Para esta finalidade, a responsabilidade é uma necessidade humana básica, assim como o alimento e o oxigênio; não podemos preencher ou justificar nossa existência sem ela.

Este senso de responsabilidade foi mais aguçado depois de dois eventos da História: os campos de extermínio de Auschwitz e a bomba atômica de Hiroshima. O autor em foco fez um alerta para o futuro da humanidade ao considerar o que o ser humano seria capaz e o que de fato está em jogo. Portanto, apela para a responsabilidade comum ao alertar que “[...] o mundo está numa situação ruim. Porém, tudo vai piorar ainda mais se cada um de nós não fizer o melhor que puder” (FRANKL, 2008, p. 175).

Igualmente, a encíclica também relembra a Shoah como a manifestação da extrema maldade humana, quando se opaca a dignidade inviolável do ser humano, assim como foi nos casos das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, bem como no comércio escravagista e nos demais massacres étnicos ocorridos na História.

Nessa direção, não apenas caberia, no aqui e agora da História, fazer o melhor nas relações interpessoais e internacionais, como também promover atenuações nas tensões inter-religiosas. Sobre este último aspecto, adverte o autor que a “rigidez” dogmática do ser humano religioso poderia conduzir ao fanatismo, o que os impediria de estender as mãos aos seus irmãos. Já a “firmeza” na fé estaria em consonância com a atitude de tolerância e tornaria as mãos livres para acolher o seu próximo (FRANKL, 1978, p. 280). Segundo Francisco (2020), o fanatismo se prolifera nos dias atuais também por pessoas religiosas, inclusive os cristãos, promovendo lógicas rígidas e fragmentações sociais, expresso por agressões verbais que objetivam destruir os outros. Assim, ele alerta que “é verdade que as diferenças geram conflitos, mas a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente” (p. 95).

Ademais, o fanático, segundo Frankl (1990), não admite a diversidade de pensamentos, portanto descarta o que lhe parece diferente. Para desenvolver uma postura de

tolerância e humildade, o autor faz a seguinte proposição: “somente pode haver uma verdade; mas ninguém pode saber se é ele e não outro que a possui” (FRANKL, 1992, p. 68). Da mesma maneira, por não saber com quem estaria a “verdade”, nenhuma religião poderia se colocar em uma postura de superioridade em relação às demais. Se a fé, conforme compreende o autor, “[...] é uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existência de um pensador” (FRANKL, 1992, p. 84), logo, o mais importante não seria o caminho, mas a meta proposta pelo pensador (FRANKL, 1978).

Para chegar a uma proposta de uma cultura de paz pautada na tolerância, a encíclica de Francisco propõe a via do diálogo social como uma condição necessária. Conforme concebe: “O diálogo social inclui a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, admitindo a possibilidade de que nele contenha convicções ou intenções legítimas” (FRANCISCO, 2020, p. 101).

Para a constituição de uma cultura de paz, Frankl (1989a) propõe que a humanidade descubra um sentido único. A mesma prescrição poderia ser equivalente para a diversidade religiosa, posto que deveria olhar para a meta que possui em comum, o que poderia se constituir em uma via para a consciência do sentido de uma única humanidade. A essa proposição Frankl denominou de “monantropismo”, ou seja, a crença em uma única humanidade respeitando a diversidade cultural. Assim asseverou:

Há milhares de anos, a humanidade desenvolveu o monoteísmo. Hoje, um outro passo se faz exigir. Eu o chamaria de “monantropismo”. Não à crença em um Deus único, mas, mais do que isso, a consciência da unidade do gênero humano; uma unidade sob cuja luz as diferentes cores de nossa pele desapareceriam (FRANKL, 2011, p. 124).

Assim, pode-se deduzir a seguinte fórmula: Monantropismo + Sentido único = sobrevivência da humanidade. Essa fórmula ajudaria a reconhecer que cada ser humano é chamado para ser responsável pela consecução de uma humanidade mais humana que valorize e respeite a diversidade e multiplicidade cultural e religiosa em uma unidade fraterna. Ademais, a descoberta de uma unidade na multiplicidade humana requer um outro passo, a descoberta de um sentido único, como a construção de uma cultura de paz.

Nessa esteira, Francisco (2020) aventou que a via para uma fraternidade universal seria aceitar a diversidade e superar o fanatismo por meio do amor, do diálogo e da gratuidade. Em última análise, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, preocupada com a sobrevivência da espécie humana, indicou que a salvação da humanidade seria coletiva e não individual, e propôs uma fraternidade humana multicolorida e não uniforme e unidimensional. Assim expressou:

O amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos “amizade social” em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, essa amizade social dentro de uma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal (FRANCISCO, 2020, p. 50).

De forma similar, Frankl (1990) considera que amar significa tanto dizer *tu* a alguém quanto dizer *sim* a uma pessoa, dessa forma, reconhece tanto a sua unicidade quanto o seu valor. Ademais, o amor é uma das características do fenômeno humano denominado de autotranscendência, aquela característica humana de abertura para o mundo/comunidade, para uma causa e/ou para outras pessoas distintas de si mesmo (FRANKL, 1989a).

Portanto, constata-se que a encíclica prescreve diálogos plurais pautados em uma concepção da fraternidade universal, conforme o ideal do monantropismo de Viktor Frankl. Tendo em vista as considerações acima explanadas, considera-se plausível apontar as proposições comuns dos dois pensadores para o caminho da convivência social.

CONVIVÊNCIA SOCIAL: CAMINHOS E PROPOSIÇÕES

A carta de Francisco sobre a fraternidade e amizade social, escrita para o mundo, pauta-se em uma pedagogia do encontro e do diálogo, e apela à paz, à justiça e à fraternidade entre cristãos e não cristãos, entre religiosos e não religiosos; denuncia os comportamentos de exclusão e indiferença com os que mais sofrem, e critica as posturas da cultura do descarte e do fundamentalismo religioso, já que o fanatismo leva à destruição dos outros, do diferente, o que denominou de “agressividade despudorada”. Assim, alerta que “a verdade é que a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas distorções” (FRANCISCO, 2020, p. 139). Por exemplo, no contexto brasileiro ainda se encontram atos agressivos contra as religiões de matrizes africanas e indígenas, estimuladas por preconceitos e estereótipos por parte daqueles que aderiram a uma mentalidade fundamentalista. Ora, se as religiões apregoam o amor universal e a regra de ouro, com que direito as pessoas teriam em destruir templos e demonizar os ritos afro-indígenas?

Ademais, em lugar da vingança e violência, a encíclica aponta a uma postura de reconciliação e perdão, para romper os círculos viciosos, posto que a violência apenas reforça a violência, assim como o ódio reforça o ódio. Nesses termos, compreende que “[...] a vingança nunca sacia verdadeiramente a insatisfação das vítimas” (FRANCISCO, 2020, p. 123).

Ademais, Francisco, além de denunciar, anunciou também a esperança a partir dos modelos positivos de humanidade, conforme segue:

[...] não me refiro só a memória dos horrores, mas também à recordação daquelas que, em meio a um contexto envenenado e corrupto, foram capazes de recuperar a dignidade e, com pequenos ou grandes gestos, optaram pela solidariedade, o perdão, a fraternidade (FRANCISCO, 2020, p. 123).

Nessa esteira, Frankl (1989b) propõe, para alcançar o perdão reconciliador, a separação entre o sujeito e o objeto de ódio como um caminho da reconciliação e do perdão. Assim, pode-se amar a pessoa e odiar o objeto que ela internalizou. Segundo o mesmo autor, é possível amar (a pessoa) e odiar (o objeto) ao mesmo tempo. Na perspectiva do texto *Fratelli Tutti*, observa-se uma ideia similar:

Somos chamados a amar a todos, sem exceção, mas amar um opressor não significa consentir que continue a oprimir, nem o levar a pensar que é aceitável o que faz. Pelo contrário, amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano (FRANCISCO, 2020, p. 118).

De tal modo, Frankl se posicionou contra a culpa coletiva no pós-guerra, pois compreendia que se poderia encontrar pessoas decentes e indecentes em qualquer grupo. O autor ainda cita o seguinte relato referente a essa época:

Naquela época, eu escondi no meu apartamento um colega de profissão que tinha algum destaque na juventude hitlerista, e que me disse estar sendo perseguido pela polícia para ser colocado diante de um júri popular – cujo veredicto era somente liberdade ou pena de morte. Desse modo, mantive-o longe dos tribunais (FRANKL, 2010, p. 122).

Medos e rancores podem conduzir ao desejo da vingança, nessa direção, Francisco (2020) alerta que a pena de morte seria uma maneira de eliminar alguém da comunidade e do convívio humano, o que reforçaria a “cultura do descarte”. Dessa forma, o ser humano deveria ter o direito de expiar a sua própria culpa, conforme pensa Frankl (1978), sem esquecer que é imperativo preservar a sua dignidade e o considerar como um fim em si mesmo. A *Fratelli Tutti* se opõe inequivocamente a pena capital ao defender a dignidade incondicional do ser humano e advogar o direito de todos partilharem a casa comum, afinal a vingança nunca será sinônimo de justiça e reparação.

Ademais, a proposição para uma cultura do encontro poderia ser manifesta também por meio da compaixão e do olhar do próximo. No caso do homem religioso, ainda estaria sob o olhar de Deus (FRANKL, 1992). Conforme Frankl relata em suas experiências nos campos de trabalho forçado durante a Segunda Guerra:

Lembro-me que, um dia, um capataz (não-prisioneiro) furtivamente me passou um pedaço de pão. Eu sabia que ele só poderia tê-lo poupado de seu desjejum. O que me abalou a ponto de derramar lágrimas não foi aquele pedaço de pão em si, e sim o afeto humano que esse homem me ofereceu naquela ocasião, a palavra e o olhar humanos que acompanharam a oferta (FRANKL, 2008, p. 112).

Em outro momento, Frankl relata o olhar de um prisioneiro no barracão de enfermos, quando ele tinha planos para fugir do campo e foi indagado se iria “cair fora”. Conforme o seu relato, diz: “[...] não consigo mais afastar-me dele, do seu olhar. Após a visitação, volto para ele. E mais uma vez se fixa em mim aquele olhar sem esperança” (FRANKL, 2008, p. 79).

A encíclica enfatiza essa mesma postura de compaixão em relação ao migrante, respeitando a sua idiossincrasia cultural por meio dos verbos: “acolher, proteger, promover e integrar”. Assim, o olhar do *tu* deve mobilizar posturas de empatia e fraternidade que promovam uma autêntica compaixão e amizade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio analisou a encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, à luz do pensamento de Viktor Frankl. Constatou-se uma complementaridade entre os dois pensadores, embora a encíclica não aponte, em seu bojo, a logoterapia do psiquiatra e filósofo vienense. Ambos se preocupam com a unidade da humanidade, bem como a sua sobrevivência e convivência fraterna. Alertam para os perigos da guerra e sugerem o perdão e a reconciliação como um caminho legítimo para a construção da paz.

Compreendeu-se, por meio desse manuscrito, que a ideia de monantropismo, o ideal de uma humanidade única, deveria ser almejada tanto no âmbito das religiões e do homem religioso quanto no coração das pessoas não religiosas, na busca da utopia de um mundo mais humano, que respeite as diferenças individuais e as diversidades culturais. Afinal, o ser humano se complementa na medida em que convive fraternalmente na sua comunidade. De forma geral, pode-se concluir que a relação dialógica fraterna seria a chave da compreensão para a consciência de uma unidade fraterna que almeje o bem comum.

FRATELLI TUTTI OR SOCIAL RELATIONSHIP TREATY: A DIALOGUE WITH VIKTOR FRANKL'S THOUGHTS

Abstract: the search for a fraternal society based on love and openness to others is the theme of Pope Francis's encyclical, Fratelli Tutti. Thus, it points to the culture of meeting to achieve world peace. Similarly, we find the Viennese thinker Vik-

tor Frankl, who was a survivor of the concentration camps during World War II, and proposed a vision of the unity of humanity, respecting cultural diversity. Following in the thought of these two thinkers, this essay articulated the ideas of Frankl and Pope Francis to promote a fruitful dialogue, in order to find points of convergence for social coexistence in the current world. In conclusion, there was a complementarity and harmony of ideas and actions that promote universal fraternity.

Keywords: *Culture of meeting. Meaning of life. Universal fraternity.*

Nota

- 1 Solamente la comunidad garantiza el sentido de la individualidad de los individuos, pero también que solo la individualidad consciente garantiza a los individuos el sentido de comunidad.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago A. Avellar; CRUZ, Josilene Silva; GOMES, Elisudo Salvino. Monantropismo e movimento para a paz no pensamento de Viktor Frankl. *Interações*, Belo Horizonte, v. 16, n.16, p. 297-314, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18226/16351>. Acesso em: 02 julh. 2021, 08:50h.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Tradução: Renato Bitencourt. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial*. Tradução: Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrantes, 1989a.

FRANKL, Viktor. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Tradução: Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Editora Santuário, 1989b.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia para todos: Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Tradução: Antônio Estêvão Allgayer. Petrópolis: Vozes, 1990.

FRANKL, Viktor Emil. *A psicoterapia na prática*. Tradução: Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. Tradução: Walter O. Schlupp, Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Tradução: Walter O. Schlupp, Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. *O que não está escrito em meus livros: memórias*. Tradução: Cláudio Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Tradução: Ivo Studart. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. *Sofrimento de uma vida sem sentido*: caminhos para encontrar a razão de viver. Tradução: Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor Emil. *Llegará un día en el que serás libre*: cartas, textos y discursos inéditos. Tradução: María Luisa Vea Soriano. Barcelona: Herder, 2018.

JASPERS, Karl. *A questão da culpa*: a Alemanha e o nazismo. Tradução: Claudia Dornbusch. São Paulo: Todavia, 2018.

SCHNEERSON, Menachem Mendel. *Rumo a uma vida significativa*: a sabedoria do Rebe Menachem Mendel Schneerson. Tradução: Benjamin Albagli Neto. São Paulo: Maayanot, 2007.